

Variação entre *a*, *para* e *em* no português brasileiro e no português europeu: algumas notas¹

Jair Gomes de Farias

UFAL



1 Introdução

As preposições, como também os advérbios, constituem um campo de investigação quase inexplorado no âmbito da Gramática Gerativa (cf. Starke, 1993). Talvez uma das causas de aquela categoria não ser tão amplamente estudada pode ser revelada pela complexidade que a cerca. Xavier (1989: 42), em estudo sobre as preposições *a* e *de* no português europeu *vs.* *to* e *from* no inglês, assinala que “a preposição é talvez a categoria sobre a qual se encontram na literatura lingüística as observações mais díspares”. Farias (2003), ao observar o estatuto sintático de preposições no português brasileiro, pontua: “Estudar as preposições parece me situar numa zona gramatical em tensão” (op.cit.p.12).

No que diz respeito, mais especificamente, ao comportamento das preposições *a*, *para* e *em* na gramática do português,² a situação pode ser figurada como se segue:

(a) No PE:

a preposição *a* tem um papel complexo na gramática, já que rege DPs com interpretações muito diversas, conforme atestado em Xavier (1989) e Pinto (1997);

¹ A apresentação dos resultados aqui explicitados é devida a minha estada, como bolsista de doutoramento sanduíche CAPES-MEC, processo BEX 0507/03-2, na Universidade Nova de Lisboa, Portugal, sob orientação do Prof. Dr. João Costa.

² Sempre que eu usar o termo português, indistintamente, estou me referindo às duas variedades do português: português brasileiro (PB) e português europeu (PE).

a preposição *para* ocorre regendo DPs alvo, quando com verbos de movimento, legitimando, dependendo do contexto estrutural, o traço [+permanência]; também rege DPs com função de benefactivo (cf. Farias (em prep.) e Xavier (1989));

a preposição *em* é categoricamente empregada para a marcação no espaço, o que ocorre com verbos do tipo copulativo, *appearance* e localização (cf. Farias (em prep.) e Mateus et alii (2003).

(b) No PB:

a preposição *a*, assim como no PE, também desempenha um papel complexo, já que rege DPs com interpretações diversas, no entanto, ao contrário do que ocorre no PE, verifica-se no PB: (i) com verbos do tipo movimento/localização, uma concorrência com as preposições *para* e *em*; (ii) em construções de acusativo preposicionado, a preposição *a* tem apresentado uma considerável redução, no eixo diacrônico, tendendo a ser omitida nesses contextos, conforme analisou (Ramos, 1989); (iii) em construções de dativo, tende a ceder lugar à preposição *para* (cf. Scher (1996), Gomes (1998) e Oliveira (2003);

a preposição *para*, assim como no PE, também é usada com verbos de movimento, relevando o traço [+permanência], ao contrário do que ocorre com *a* e *em* (cf. Pontes (1992), Mollica (1996) e Bagno (2001), encabeça igualmente os complementos benefactivos;

a preposição *em*, para além dos contextos em que marca uma posição no espaço, com verbos do tipo copulativo, *appearance* e localização, combina-se também com verbos de movimento/localização, demonstrando um comportamento estruturalmente distinto do que ocorre na gramática do PE (cf. Farias (em preparação)).

Diante do acima exposto, poder-se-ia pensar que as preposições não são passíveis de sistematização, e isso não é fato. Muito pelo contrário, é possível assegurar que, mesmo existindo variação e tensão quanto à função e à categorização das preposições, elas desempenham basicamente duas funções:

(a) Atribuidores e realizadores de Caso aos DPs complementos de VP, como também atribuidor de Caso quando cabeça de um adjunto (Cf. Chomsky (1986), Raposo (1992), Farias (2003) e Mateus et alii /2003), como ilustrado em (1):

- (1) a. O João foi *a* Lisboa.
- b. O João deu o livro *à* Maria
- c. O João gosta *de* doces.
- d. O João respeita *aos* pais.
- e. O João mandou fazer o trabalho *à* Maria.
- f. O João votou *contra* a proposta.

(b) Elemento auxiliar regendo VPs., sendo um elemento Aux/Flex de natureza aspectual ou modal (cf. Xavier (1989, 1991), como exemplificado em (2):

- (2) a. Convenci os miúdos *a* verem o filme
b. Convenci os miúdos *a* ver o filme.
c. Convenci os miúdos *a* que vissem o filme.
(exemplos extraídos de Xavier (1991: 324)³

A partir dos fatos acima explicitados, conclui-se que o comportamento léxico-sintático das preposições *a*, *para* e *em* com verbos de movimento/localização do tipo *ir* e *chegar* constitui um caso de variação entre as gramáticas do PB e do PE. Farias (em prep.) assinala que o *locus* de variação entre as preposições acima citadas reside nos contextos estruturais construídos com a preposição *em*, sendo, portanto, agramaticais no PE, e gramaticais no PB, conforme apresentado em (3):

- (3) a. O João foi a Lisboa (^{OK}PB/^{OK}PE)
a'. O João foi para Lisboa (^{OK}PB/^{OK}PE)
a''. O João foi em Lisboa (^{OK}PB/*PE)
b. O João chegou a Lisboa (^{OK}PB/^{OK}PE)
b'. O João chegou para Lisboa (*PB/*PE)
b''. O João chegou em Lisboa (^{OK}PB/*PE)

Os contrastes de gramaticalidade apresentados em (3) aventam algumas questões:

(i) O que caracteriza a variação entre as preposições *a*, *para* e *em* nos contextos estruturais do PB e do PE?

(ii) Essa variação constitui um caso de variação lingüística, nos moldes de Labov (1972)?

A proposta de análise que apresento neste trabalho aponta para as seguintes predições, suscitadas a partir das questões acima apresentadas:

(a) Em relação à questão (i), eu argumento que a variação entre *a*, *para* e *em* nos contextos dados tem a ver com propriedades lexicais advindas dos núcleos predicadores V+P, em especial com o conteúdo lexical das preposições que participam dessas construções, o que me leva a assumir que as preposições *a*, *para* e *em* têm

³ Para uma análise do papel desempenhado pela preposição nessas construções, ver Xavier (op.cit.) e Raposo (1987 e 1990), dentre outros. É também pertinente considerar que neste artigo não detenho minha atenção sobre a caracterização ou função da preposição como um elemento de natureza modal ou aspectual.

um traço categorial “half-way”, ou seja são núcleos predicadores auxiliares na atribuição da função- θ ao DP complemento de P (cf. Farias (2003) e Mateus et alii (2003)), nos contextos exemplificados;

(b) No que concerne à questão (ii), eu advogo que a variação entre *a*, *para* e *em* em frases construídas com verbos do tipo *ir* e *chegar* não deve ser tratada como “formas diferentes de se dizer a mesma coisa”, pois, como ficará neste trabalho explicitado, essa variação constitui um caso de variação léxico-sintática, haja vista que a mudança de uma preposição por outra nos contextos dados não só implica uma subespecificação do termo locativo, com também salienta propriedades predicativas distintas dos verbos envolvidos nessas construções no PB e no PE.

Essas predições ganham suporte empírico se combinadas com uma outra asserção, de caráter mais teórico, que pode ser enunciada como se segue:

Existe uma gradação quanto ao traço + ou – lexical da categoria preposição. Ou seja, quanto mais dependente do verbo, mais funcional é a preposição (cf. Farias (em prep.)).

Essa hipótese implica considerar que temos: (a) preposições funcionais: aquelas que são marcadores *dummy* e que apenas realizam Caso e não alteram o papel temático do DP (cf. em (4)); (b) preposições lexicais plenas: aquelas que sozinhas são responsáveis pela atribuição do Caso e da Marcação- θ ao DP complemento de P (cf. em (5)); e (c) preposições “half way”: aquelas que atribuem Caso inerente ao seu DP complemento e que juntamente com o verbo são predicadores auxiliares na atribuição do papel temático ao DP (cf. em (6)).⁴

- (4) a. Ele os contratou e *aos* outros também.
b. Este é o homem *a* quem encontrei ontem na loja
c. Irmã Dulce surpreendeu *a* todos (Noticiário de TV)
e. Ele não respeita *a* ninguém.⁵
f. A Maria mandou fazer o trabalho ao João (*PB)⁶
g. Eu mandei escrever a carta aos alunos (*PB)

⁴ Na discussão e na classificação quanto ao traço categorial das preposições em análise, não estou levando em conta as construções ditransitivas em que a preposição atribui Caso inerente ao argumento do verbo, mas não é um predicador auxiliar na atribuição do papel temático.

⁵ Exemplos de Ramos (1989).

⁶ Os exemplos apresentados em 4 (f) e em 4 (g) foram extraídos de Xavier (1989: 310) e Mateus et alii (2003), respectivamente.

- (5) a. O João votou *contra* a proposta.
 b. A Maria trabalha *em* Lisboa.
 c. Ele comeu o bolo *numa* hora.
- (6) a. O João foi *a/para/no* cinema⁷ (*PE com *em*)
 a'. *A carta foi *ao/para/no* cinema
 b. O João/*a carta foi *à/na* Maria (e disse...) (*PE com *em*)
 b'. *A carta foi *à/na* Maria (e disse)
 c. O João chegou *a/*para/em* Lisboa (*PE com *em*)
 c'. A carta chegou *a/para/em* Lisboa (**para* em PB e em PE)
 d. O João chegou *à/na* Maria (e disse...) (*PE com *em*)
 d'. *A carta chegou *à/na* casa da Maria (e disse)

Para o desenvolvimento do meu viés argumentativo, confecionei este artigo da seguinte forma: Na seção 2 apresento algumas análises anteriores da variação entre *a*, *para* e *em* para o português, fora do âmbito da Gramática Gerativa e divergentes da que proponho aqui, mas que, de alguma forma, já apontam para o fenômeno aqui enfocado. Na seção 3 explicito qual o lugar da preposição a partir do quadro teórico adotado. Na seção 4 e subseções, apresento minha proposta de análise para a variação entre *a*, *para* e *em* no PB e no PE em contextos estruturais construídos com verbos do tipo *ir* e *chegar*, fazendo uma caracterização quanto ao traço categorial “half-way” dessas preposições e explicitando algumas propriedades predicativas distintas nas sentenças analisadas nessas línguas. E, para finalizar, na seção 5, teço algumas considerações sobre os aspectos basilares desta pesquisa, resumindo as questões centrais da reflexão que perpassam meu trabalho.

2 Estudos Anteriores

É sabido que, de acordo com a fundamentação teórica adotada, os fatos de linguagem podem ter descrições/explicações/interpretações distintas. No que concerne ao tratamento dispensado à verificação do comportamento da categoria preposição, especificamente às preposições *a*, *para* e *em* em frases com verbos do tipo *ir* e *chegar*, a literatura lingüística a que tive acesso pode ser classificada e sucintamente apresentada nas seguintes perspectivas:

⁷ A frase em 5 (a) é boa com a preposição *para*, sem interpretação agentiva, mas sim como o deslocamento de um tema referente a uma entidade locativa.

(a) A idéia de que essa variação constitui um **ERRO**, segundo a tradição gramatical, conforme advoga Almeida (1985) e outros: “Não devemos usar a preposição *em* com verbos de movimento, porquanto *em* indica lugar onde: “Ir *ao* colégio”_ e não “Ir *no* colégio”_ Chegar a algum lugar, e não “chegar *em*”: Cheguei *ao* Rio, Cheguei *à* casa dele, Chegar tarde *a* casa, O avião chegou *ao* campo” (1985: 337). E complementa: “só o trato constante dos bons autores nos pode habituar ao manejo correto, elegante e vívido dessas importantes partículas (op.cit. p.335)”;

(b) A concepção descritivo-nocional, conforme Pontes (1992:22) de que “... o povo sentindo a confusão da preposição com o artigo definido *a*, teve necessidade de substituir a preposição *a* pela preposição *em*, que tem um fonema *a* mais (/ey/) e que, quando diante de um artigo, apresenta a forma *no* (na e plurais): *Ele está à porta/Ele está na porta, Vou à cidade/Vou na cidade/Vou pra cidade/;*

(c) A assunção largamente defendida de que essa variação configura uma regra variável nos termos de Labov (1972), ou seja, “são formas distintas de se dizer a mesma coisa” segundo a análise de Mollica (1996), conforme mostram os exemplos abaixo:

I – Ir + a

(a) Eu tenho o maior desejo de *ir à* Bahia!

(b) É melhor escutar no rádio que *ir ao* Maracanã.

II – Ir + para

(c) Eu *ia* aqui *pro* sítio do meu tio.

(d) Aí tem que *ir pro* médico tomar injeção.

III – Ir + em

(e) Simplesmente você *vai em* Minas, é um modo de tratar, né?

(f) Meu pai que *ia no* açougue.

Desses dados, Mollica (op.cit.) conclui que “enquanto *a/para* enfatizam a idéia de movimento do verbo, com sutil diferença entre elas (*para* ainda pode conter o traço [+permanência]), a forma *em* reforça o traço de “definitude de referente locativo”, tendendo a emergir quando este é [+definido] e/ou [+fechado] (...). As variantes distribuem-se hierarquicamente mesmo entre as formas padrão, onde *a* é considerada mais padrão que *para*” (cf. Mollica, op.cit.p.165).

Ao observar, brevemente, as assunções que permeiam as propostas acima apresentadas, é possível ver que essas análises

possuem objetivos distintos e não dão conta dos mecanismos estruturais envolvidos nas frases em que reside a variação entre *a*, *para* e *em* nem internamente ao PB, nem entre o PB e o PE. Em relação à abordagem apresentada em (a), verifico que, por ser essa análise sustentada na noção de “erro”, mostra-se incompatível com os fundamentos da ciência lingüística; no tocante à perspectiva em (b), observo que essa análise apenas caracteriza, intuitivamente, um conjunto de usos das preposições no PB; já no que diz respeito à proposta presente em (c), pontuo que por ser essa análise assentada no fato de que a variação constitui um desvio à norma, sendo consideradas “formas distintas de se dizer a mesma coisa”, diagnostica o encaixamento dessa regra variável não no sistema lingüístico, mas sim no social. Curioso, porém, é observar que os contextos estruturais em que ocorre variação dos usos das preposições parecem ser condicionados por fatores relacionados a representações cognitivas do espaço, mapeadas de forma distinta em cada contexto estrutural: *configuração no espaço, grau de definitude, etc.*, o que me faz inferir que parecem não ser formas distintas de se dizer a mesma coisa.

Pelo exposto acima, faz-se necessário verificar o fenômeno da variação entre *a*, *para* e *em* na gramática do português a partir de uma teoria de língua que procure explicitar os mecanismos estruturais condicionantes de tal variação. É o que está descrito nas seções e sub-seções a seguir.

3 Qual o lugar da preposição no quadro da Gramática Gerativa?

Starke (1993: 2) apresenta três domínios para a investigação lingüística, no que concerne ao tratamento dispensado à categoria preposição:

(a) The internal syntax of the prepositions system (asymmetries amongst prepositions, complex preposition, etc);

(b) The structural relation between the prepositional system and that of the major syntactic constituents (clauses, nominal phrases, etc.);

(c) The interactions between the syntax of prepositions and that of other sub-systems (interaction of prepositions and wh-words, of prepositions and pronouns, the system of verbs with respect to that of prepositions (‘particle-verbs’), etc.).

No presente trabalho, ao analisar as preposições *a*, *para* e *em* no português, verifico como se dá a correlação desses núcleos (temáticos e/ou funcionais) em construções frásicas com verbos do

tipo *ir* e *chegar*, conforme o terceiro domínio acima explicitado por Starke (1993). Como ponto de partida para uma análise que pretenda explicitar os mecanismos internos que condicionam as diferentes estruturas sintáticas, importa verificar, a partir do núcleo temático central da sentença (o verbo),⁸ como se estabelecem as operações licenciadas pela interação deste com outros núcleos predicadores, em especial, aqui, as preposições acima listadas.

Dado o exposto e adotando a hipótese da Uniformidade Lexical de Reinhart (2000), assumo que a entrada lexical desses verbos apresenta dois papéis- θ que satisfazem a função semântica do evento do verbo:

Ir θ_1, θ_2
grelha- θ : y (Tema/Agente), z (Lugar)
subcategorização: +V, [- DP PP]

Chegar θ_1, θ_2
grelha- θ : y (Tema/Agente), z (Lugar)
subcategorização: +V, [- DP PP]⁹

A partir das entradas lexicais dadas, as Teorias do Caso e Temática tornam-se fundamentais para se compreender as diferentes realizações da função gramatical das preposições *a*, *para* e *em* nos contextos estruturais dados. Isso implica, então considerar que, ao assumir que o PP é complemento de V, e que P atribui Caso inerente ao seu complemento, a função temática vai se dar composicionalmente a partir do complexo V+P, o que reforça ainda mais o traço “half-way” dessas preposições.

Um problema em potencial que poderia surgir seria o fato de que, se considero a preposição, nesses contextos, um núcleo temático auxiliar, não seria a preposição uma barreira ao núcleo temático V na atribuição da função temática ao DP complemento

⁸ Em Farias (em prep.) faço uma discussão aprofundada em relação ao traço categorial de verbos do tipo *ir* e *chegar*, já que é amplamente aceito na literatura gerativista que esses verbos são inacusativos, o que implica considerar que selecionam apenas um argumento interno com função- θ Tema. Mesmo considerando que esses verbos participam das construções ditas inacusativas, mostro que os testes mais tradicionais veiculados na teoria para checar a inacusatividade não se adequam a esse tipo de verbo e que, para além do DP selecionado, ele seleciona também um PP complemento, subcategorizado por V, o que afeta o seu traço categorial.

⁹ Mesmo exibindo uma entrada lexical comum, há evidências empíricas para se assumir que os verbos *ir* e *chegar* apresentam, em determinados contextos, um comportamento estrutural distinto na gramática do português, o que se deve à seleção da preposição e do DP selecionados por P. Ver Farias (em prep.).

de P? O que me aparece como possível solução é considerar a noção auxiliar de L-Marcação, a quem compete verificar a relação existente entre uma categoria lexical e os complementos aos quais atribui uma função temática, conforme o princípio de L-Marcação (cf. em (7)) associado à noção de Barreira (cf. em (8)) e à Condição de Minimalidade (cf. em (9)):

- (7) L-Marcação
A L-marca B sse A é uma categoria lexical que atribui uma função- θ a B.
- (8) Barreira
Uma categoria t é uma barreira sse t é uma projeção máxima não L-marcada.
- (9) Condição de Minimalidade
Entre A e B não intervém nenhum núcleo X^0 tal que X^0 c-comanda B e X^0 não c-comanda A.

Depreendo então que, por ser o PP subcategorizado por V, é legítimo assumir que o PP não necessita receber Caso de V, mas o DP complemento de P, sim, necessita de Caso, que advém então do núcleo regente mais próximo: P. Assim, V L-marca o PP já que participa da atribuição- θ do complemento de P. Como consequência, P não é barreira à regência de V, pois é uma projeção funcional fraca, ao contrário do que acontece com as projeções fortes C e I. E para reforçar ainda mais essa assunção, dada a *Condição de Minimalidade* acima, verifica-se, ao traduzir A por V e B por P, que existem restrições quanto a um elemento X^0 c-comandando o PP intervir entre V e P, como podem ser evidenciado nos dados abaixo:

- (10) a. *O João chegou [_{advP} bem [_{PP} a/em casa]].
b. *O João foi [_{advP} sempre [_{PP} a/para/na cidade]].^{10 11}

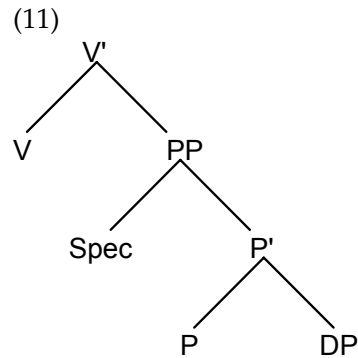
¹⁰ É importante esclarecer que essas frases são estruturalmente bem formadas à medida que se considera que o AdvP está adjungido ao VP mais alto e não c-comanda o PP.

¹¹ É relevante pontuar que há casos em que o advérbio pode ser interveniente a V e P, c-comandando o PP, ocupando, segundo as orientações de Duarte (2003) a posição Spec, PP, como pode ser evidenciado no dados abaixo:

- (i) O João chegou exatamente de Paris.
(ii) O João foi mesmo a/para/ em Maceió.

Para checar a assunção de que esses advérbios estão em Spec,PP, logo c-comandam o PP, Duarte (2003: 394) propõe o teste da deslocação e extração, segundo o qual, se

O resultado dessa interação de princípios me permite argumentar que: a categoria lexical V^0 , que rege e c-comanda o PP complemento, rege igualmente P e Spec de P (se houver), pois, embora o PP seja uma projeção máxima excluindo V^0 e dominando P e Spec de P, é L-marcado por V^0 . V^0 , no entanto, não rege o DP complemento de P, porque o P está mais próximo do DP do que V^0 , logo, exclui a regência de V^0 ao DP complemento de P (cf. em (11)), o que não implica dizer que a função- θ não seja atribuída composicionalmente por V+P.



Dotado destas assunções, o arcabouço teórico apresentado me dá instruções para fazer a descrição aqui pretendida, já que é possível inferir, a partir dos mecanismos estruturais explicitados que as preposições em análise parecem não ser somente categorias funcionais, como as que apenas realizam Caso, nem unicamente um núcleo temático, como quando funciona como cabeça de um adjunto, o que está de acordo com o que se pretende evidenciar neste trabalho (cf. seção 1).

há deslocamento do PP, este tem de vir junto com o advérbio (cf. (iii)), ao passo que se há extração apenas de uma parte do PP, a sentença é agramatical, como mostram os dados em (iv):

- (iii) a. [exatamente de Paris]_i o João chegou [V]_i
- b. [mesmo a/para/em Maceió]_i o João foi [V]_i
- (iv) a. *[de Paris]_i o João chegou exatamente [V]_i
- b. *[a/para/em Maceió] o João foi mesmo [V]_i

4 **As preposições *a*, *para* e *em* em sentenças construídas com verbos do tipo *ir* e *chegar* no PB e no PE: locus de microvariação**

Como já evidenciado neste artigo, as preposições *a*, *para* e *em* representam, em larga escala, a real complexidade do sistema preposicional no português, haja vista que, do ponto de vista sintático realizam funções diferentes dependendo do contexto estrutural dado e, do ponto de vista semântico regem DPs com variadas interpretações.

É também fato que os contextos estruturais construídos com verbos do tipo *ir* e *chegar*, que apresentam uma relação natural de lugar, constituem uma instância de variação paramétrica entre os sistemas lingüísticos do PE e do PB, como apontado nos exemplos em (6).

Dessas assunções, é pertinente apontar que a variação entre *a*, *para* e *em* não é um fenômeno isolado da(s) gramática(s) do português. Línguas como o inglês, o francês e o italiano também apresentam variação em frases construídas com as preposições correspondentes às nossas *a*, *para* e *em*, com verbos do tipo *ir* e *chegar*, como ilustrado em (12), (13) e (14), respectivamente:

- (12) a. Mary arrived at Lisbon.
b. Mary arrived in Lisbon.
c. *Mary arrived to Lisbon.¹²
d. Mary went to the beach.
e. *Mary went at school.
f. #Mary went in her parents' house.¹³

- (13) a. Jean est arrivé à Paris.
b. Jean est arrivé dans la salle de classe.
c. Jean est arrivé en France.
d. *Jean est arrivé pour Paris.
e. Jean est allé à Lisbonne.
f. Jean est allé en France.
g. Jean est allé dans le grenier.
h. *Jean est allé pour Paris.¹⁴

¹² Exemplos a., b. e c. extraídos de Xavier (1989: 231-233).

¹³ Eu agradeço a Quinn McCoy Hansen pelos julgamentos de gramaticalidade do inglês.

¹⁴ Eu agradeço a Lionel Sarraute e à Cátia Carreira pelos julgamentos de gramaticalidade do francês.

- (14) a. Si è arrivati tardi in stazione (cf. D’Alessandro, 2004: 4).
 b. Gianni è arrivato alla stazione.
 c. *Gianni è arrivato per la stazione.
 d. Gianni è andato in stazione.
 e. Gianni è andato alla stazione.
 f. *Gianni è andato per la stazione.¹⁵

Nesses dados, salta aos olhos que os contextos estruturais construídos com as preposições *a*, *para* e *em* constituem um ambiente sintático variável entre os sistemas linguísticos acima apresentados. Uma questão em aberto é verificar se o que condiciona essa variação em línguas como o inglês, o francês e o italiano está associado com as propriedades descritas em Farias (2004) para o PB e o PE. Todavia, a comparação com outros sistemas fica para pesquisas futuras.

Isto posto, verifica-se que a variação entre *a*, *para* e *em* com verbos do tipo *ir* e *chegar* no PB e no PE se configura na distribuição da preposição *em*. Isso implica, inclusive, advogar que essa variação não deve ser tratada como uma variação linguística nos moldes de Labov (1972), pois essas realizações constituem estruturas sintáticas distintas, já que existem restrições seletivas quanto à subcategorização tanto do DP complemento de P, como também de P em função do contexto estrutural dado.

Essas considerações fazem sentido, nesta pesquisa, ao se observar que essa variação está condicionada a propriedades lexicais dos núcleos predicadores V+P, o que favorece a caracterização de um estatuto categorial “half-way” a essas preposições nesses contextos.

Para tentar ser mais claro, quero salientar que, por exemplo, os contextos que são construídos com a preposição realizadora de Caso, como as construções de objeto direto preposicionado, e aqueles em que a preposição é cabeça de um adjunto não revela variação quanto à função semântica atribuída ao DP por V ou por P:

- (15) a. Ele não obedece aos pais. (OKPB, OKPE)
 b. *Ele não obedece para os pais.
 c. *Ele não obedece nos pais.
- (16) a. O João trabalha em Lisboa (OKPB, OKPE)
 b. *O João trabalha a Lisboa
 c. *O João trabalha para Lisboa¹⁶

¹⁵ Agradeço a Elio Scordo pelos julgamentos de gramaticalidade do italiano.

É então pertinente pontuar nos dados de (17), por ser a preposição vazia de conteúdo lexical, está realizada somente para satisfazer uma operação sintática, não se presta a variação, já que sua realização não implica em alteração do papel temático do DP complemento (cf. Ramos, 1989), e pode, inclusive, ser apagada nesses contextos:

- (17) a. O João não obedece aos pais.
b. O João não obedece os pais.

Em contrapartida, ao se olhar para dados como os apresentados em (18), verifica-se que quando a preposição é cabeça de um adjunto, e única responsável pela atribuição do Caso e do papel- θ , mudando-se a preposição, muda-se a função- θ do constituinte, e a preposição não pode, nesses contextos, ser apagada:

- (18) a. O João trabalha em Lisboa.
b. *O João trabalha Lisboa.

Essa situação confere às preposições realizadoras de Caso, um status de preposições fracas, vazias, *colourless* (cf. Starke (1993), Demonte (1985), e.o); e àquelas que são cabeça de um adjunto um *status* de preposição forte, lexicalmente plena, *colourful* (segundo Starke, 1993).

Fato curioso é perceber que nos contextos estruturais construídos com *a*, *para* e *em* com verbos do tipo *ir* e *chegar* o que existe é uma subespecificação (cf. Farias, em prep.) quanto ao papel temático atribuído por V+P, conforme os exemplos em (19):

- (19) a. O João foi a/para o/no cinema (*PE com *em*)
a'. O João foi de Lisboa a/para Maceió.
a''. *O João foi de Lisboa em Maceió.
b. O João chegou ao/no/*para o cinema (*PE com *em*)
b'. *O João chegou de Lisboa ao Rio de Janeiro faz dois dias
b''. O João chegou de Lisboa no Rio de Janeiro faz dois dias (*PE)

Farias (2004) descreve essas diferenças pontuando que: (i) no PB, as frases construídas com os verbos *ir* e *chegar* apresentam um comportamento léxico-sintático distinto em diferentes contextos

¹⁶ Ruim com o sentido locativo, porém perfeitamente boa com a interpretação de benefactivo.

estruturais, o que vai depender, inclusive, do conteúdo preposicional na formação do complexo V+P. Isso implica considerar que o complexo *ir+em* apresenta restrições seletivas quanto à especificação do locativo no PB e configura um dado agramatical no PE; (ii) Em especial, as frases construídas com o verbo *chegar+a* ou *chegar+em* revelam, para além das diferenças quanto à especificação do locativo, um comportamento distinto em PB e em PE: no PB, ao contrário do PE, esse verbo pode realizar simultaneamente uma fonte e um alvo, sendo essa construção gramatical apenas quando a preposição que encabeça o constituinte com função semântica Alvo é *em*.

Diante desses fatos, pergunto-me como caracterizar o estatuto das preposições *a*, *para* e *em* em sentenças construídas com verbos do tipo *ir* e *chegar*? Preposição *colourfull* ou *colourless* (cf. Starke, 1993)? Fracas ou fortes (cf. Demonte, 1985)? Item lexical ou funcional? Para tentar apresentar uma elucidação a esses questionamentos, lanço mão de alguns testes veiculados na literatura para a caracterização do estatuto funcional ou lexical das preposições, conforme explicitado na seção seguinte.

4.1 *Evidências empíricas para a caracterização do estatuto funcional (fraco, colourless) ou lexical (forte, colourful) das preposições a, para e em em frases com verbos do tipo ir e chegar*

Na literatura gerativista, existem alguns testes que podem ser adotados para checar o traço + ou – forte da categoria preposição. Dentre os testes mais difundidos, eu lanço mão do da “Coordenação”, proposto por Demonte (1985), do “Clitic-extraction” e do “Preposition-Orphaning”, ambos apresentados por Starke (1993) e das construções de “Tópico Selvagem”, conforme as orientações de Duarte (1987 e 2003).

4.1.1 “Coordenação”

Violeta Demonte (1985), ao analisar “the puzzle categorial nature of the preposition *a* ‘to’ of the indirect object and on certain properties of *por* ‘by’ in passives constructions” (op.cit.p.148) no espanhol, postula que quando a preposição é apenas uma realizador de Caso (*dummy*), esta não pode c-comandar o elemento coordenado:

(20) *Visité a mi hermana y la tia Enriqueta. (Demonte, 1985: 150)

Por outro lado, quando a preposição é atribuidor de Caso, esta pode c-comandar o elemento coordenado, como ilustrado em (23):

- (21) a. Regalé los cuadros de la herencia a mi hermana y tía Enriqueta.
b. Visité la exposición con mi hermana y (la) tía Enriqueta. (Demonte, 1985: 150)

Fazendo uma ampliação do teste proposto por Demonte para o português, pode-se verificar o seguinte comportamento: (i) Nos contextos de acusativo preposicionado, a preposição *a* parece não poder c-comandar o elemento coordenado, não sendo, portanto, elipsada (cf. em (22)); todavia sentenças construídas com a preposição *de* realizador de Caso se constituem em contra-exemplo a essa predição (cf. em (23)); (ii) Nos contextos em que a preposição é lexicalmente plena e cabeça de um adjunto, esta c-comanda o termo coordenado, e pode ser elipsada (cf. em (24)); (iii) Já nos dados em que a preposição é um predicador auxiliar na atribuição da função- θ , o teste da coordenação não fornece resultados sistemáticos (cf. em (25)):

- (22) a. O João não obedece aos pais e aos irmãos.
a'. *O João não obedece aos pais e irmãos.
b. A Maria surpreendeu aos convidados e aos familiares.
b'. *A Maria surpreendeu aos convidados e (os) familiares.
- (23) Preciso de papel e caneta.¹⁷
- (24) a. O João votou contra o aumento das taxas escolares e contra o aumento das passagens de trem.
a'. O João votou contra o aumento das taxas escolares e das passagens de trem.
- (25) a. O João foi a/para/em Roma e a/para/em Veneza num dia. (*PE com *em*)
a'. O João foi a/em Roma e Veneza num dia. (*PE com *em*)
b. O João chegou a/na universidade e a/na sala de aula atrasado. (*PE com *em*)

¹⁷ Exemplo apresentado pela Profa. Dra. Ana Madeira, durante minha conferência no Fórum Linguístico da Nova, em que tratei sobre a variação entre *a*, *para* e *em* no PB e no PE.

- b'. ??*O João chegou a/na universidade e sala de aula atrasado.

Sumario, então, que as preposições *a*, *para* e *em* têm nos contextos apresentados em (25) um comportamento variável, o que tem a ver com as restrições de seleção impostas pelo tipo de verbo, o que por sua vez reforça ainda mais a hipótese da gradação de maior ou menor lexicalidade da categoria preposição, conforme a hipótese de trabalho apresentada na seção 1 deste ensaio. Em todo caso, o teste da coordenação, conforme proposto por Demonte (1985), parece encontrar evidência empírica no português só nos contextos em que P é cabeça de um adjunto (cf. exemplos em (24)).

4.1.2 “Clitic-Extraction”

Starke (1993) ao propor uma estrutura interna para as preposições complexas em línguas como o francês, o italiano, o inglês e o eslavo advoga que “when the prepositions has a locative (spatial) meaning, and the clitics refers to an animate entity (...) a clitic is extractable out of a colourful preposition, but not out of a colorless one” (op. cit. p.26). A evidência para fundamentar essa asserção é dada pelos seguintes exemplos do francês:

- (26) a. Pourquoi est-ce qu’il *lui* tourne **autour** comme ça?
b. Je crois qu’il *lui* est très **proche** depuis la mort de son père.
c. *Je *lui/le* ai mené **à/vers/chez**. (cf. Starke, 1993 : 26)

Entretanto, se olharmos para exemplos construídos com as preposições correspondentes às nossas *a*, *para* e *em* no francês, é possível verificar que, mesmo elas apresentando um sentido lexical de locativo/espaco, não participam das construções de “clitic-extraction”:

- (27) a. *Je crois qu’il *lui* est arrivé **dans**.
b. *Je crois qu’il *lui* est allé **à/en**.
c. *Je crois q’il *lui* est parti **pour**.

Se a predição de Starke estiver correta para os dados de “clitic extraction”, os exemplos apresentados em (29) só reforçam a idéia de que essas preposições, apesar de terem um sentido lexical locativo/espacial não têm um comportamento idêntico ao das preposições *colourful*, como apresentado por Starke nos dados em (28 a, b).

Isso corrobora ainda mais a hipótese do estatuto *half-way* dessas preposições.

4.1.3 “Preposition-Orphaning”

Ainda seguindo as pegadas de Starke (1993), este autor propõe que, contrariamente ao que ocorre às preposições *colourless*, as preposições *colourful* podem ser “orphaned” na frase, como ilustrado em (30):

- (28) a. J’ai voté contre.
b. Je suis parti avant.
c. Je suis passé devant.
d. **J’ai peur de.
e. **Je suis parti à.

E importante esclarecer que Starke (1993), ao propor uma estrutura interna para as preposições complexas, assume que a correlação entre as preposições complexas e preposições “orphaned” é clara, já que é possível perceber que só a preposição lexicalmente plena que compõe a preposição complexa pode ser “orphaned” (cf. em (28 a, b, c) enquanto as preposições “fracas”, “vazias” não podem (cf. em (28 d, e).

Diante dessas assunções, esperar-se-ia que no português, as preposições *a*, *para* e *em* pudessem ser “orphaned”? Ao olhar para dados como em (29), vê-se que isso não se dá na gramática do português:

- (29) a. *O João chegou a/em.
b. *O João foi a/para/em.

Comportamento semelhante ao das preposições em (29) exibem as preposições que realizam Caso, conforme ilustrado em (30), o que já as diferencia das preposições que são cabeça de um adjunto (cf. (31):

- (30) a. *Eu gosto de.
b. *Ela surpreendeu aos.

- (31) a. O João votou contra.
b. A Maria dormiu fora.

Fato curioso é observar que mesmo nos dados do francês existem assimetrias. Starke (op. cit.) aponta que em alguns contextos mesmo as preposições consideradas *colourful* não podem ser “orphaned”:

- (32) a. **Je suis parti à cause.
b. **Je suis parti en raison.
c. **Je suis parti lors. (Starke, 1993 : 28)

Disso Starke conclui que esses exemplos mostram “that it is also not the case that all non-orphanable prepositional elements are colourless prepositions” (op.cit.p.28). Dadas essas afirmações, fica evidente que parece não ser tão simples checar o traço categorial da preposição a partir de movimento na sintaxe, o que de qualquer forma me faz reforçar a hipótese de que o traço “half-way” das preposições em análise tem a ver com as propriedades lexicais que determinam as diferentes estruturas sintáticas.

4.1.4 “Tópico Selvagem”

Duarte (2003) salienta que as construções de tópico são basicamente caracterizadas pelas seguintes propriedades: (i) apresenta um elevado grau de sintatização, o que implica considerar que o tópico exibe propriedades de conformidade referencial, casual, categorial e temática com um constituinte lexicalizado na frase e (ii) O constituinte que estabelece co-referência com o tópico é obrigatoriamente uma categoria vazia (cf. Duarte (2003: 499) In. Mateus et alii (2003)). Isto posto, ao caracterizar as variantes da Topicalização, Duarte argumenta que a “Topicalização Selvagem” é uma variante que embora apresente conectividade referencial e temática, não estabelece conectividade categorial e casual entre o constituinte topicalizado e a posição sintática de onde foi extraído, conforme mostram os dados em (33) e sua contraparte topicalizada em (34):

- (33) a. Eu não gosto *dessa cerveja*.
b. Acho que não precisamos *desse relatório* para a reunião de hoje. (Duarte, 2003: 501)
- (34) a. Essa cerveja, eu não gosto [-].
b. Esse relatório, acho que não precisamos [-] para a reunião de hoje. (Duarte, 2003: 501)

O que se mostra pertinente para o meu trabalho é verificar que nas construções de tópico selvagem, acima ilustradas, o elemento suprimido, responsável pela ausência de conectividade categorial e casual é uma preposição que apenas realiza Caso, ou seja um elemento meramente funcional, vazio de conteúdo lexical, conforme já foi apresentado nos dados em (34) e também em (35):

- (35) a. O João obedece aos pais.
a'. Os pais, o João obedece [-].
b. A Maria surpreendeu aos convidados.
b'. Os convidados, a Maria surpreendeu [-].

Pois bem, como já era de se esperar, a preposição nesses contextos não rege o DP complemento de V, mas é apenas inserida na sintaxe para satisfazer condições de visibilidade, daí a possibilidade de ser elipsada, já que a conectividade referencial e temática são atribuídas pelo núcleo predicador V nessas construções.

Entretanto, nos contextos construídos com as preposições *a*, *para* e *em* com verbos do tipo *ir* e *chegar*, observa-se que essa construção é bloqueada:

- (36) a. O João foi a/para/em Lisboa. (*PE com em)
a'. *Lisboa, o João foi.
b. O João chegou a/na cidade (*PE com em)
b'. *Cidade, o João chegou.

Comportamento semelhante ao das preposições em (36), exibem as preposições que são lexicalmente plenas e encabeçam adjuntos:

- (37) a. O João votou contra o aumento das taxas escolares.
a'. *O aumento das taxas escolares, o João votou.

Disso, infere-se que, por serem as preposições que participam das construções apresentadas em (36) e (37) núcleos temáticos, em (36) núcleo temático auxiliar e em (37) núcleo temático pleno, não podem ser elipsadas nas construções de tópico selvagem, já que a conectividade categorial e casual, para além da conectividade temática e referencial depende, em grande parte, ou por completo da preposição.

Para sumariar as considerações apresentadas nesta seção e subseções, o que fica saliente é o fato de que as preposições *a*, *para* e *em* nos contextos construídos com verbos do tipo *ir* e *chegar* ora se

aproximam mais do comportamento de um item funcional, como foi mostrado nas evidências de 4.1.1 a 4.1.3, ora exibem um comportamento de item lexical pleno, como em 4.1.4, ou apresentam um comportamento misto, como em 4.1.1.

Diante desse quadro instável, é pertinente pontuar, como já acima apresentado, que a motivação para se tratar as preposições *a*, *para* e *em* nos contextos dados como preposições “half-way” não se sustenta só na sintaxe. O fato que me leva a fazer essa predição é que, ao olhar para os dados do PB e do PE, pode-se verificar que essas preposições exibem um comportamento diferente daquelas que são marcadores *dummy*, bem como daquelas que são cabeça de um adjunto.

Ao assumir que os papéis temáticos são relevantes para sintaxe, e ao propor que a variação entre as preposições *a*, *para* e *em* no PB e no PE reside nas restrições quanto à especificação do complemento locativo por V+P e não na alteração ou não de papel temático, como é o caso das preposições que encabeçam adjuntos e as que realizam Caso, defendo que o traço categorial “half-way” das preposições *a*, *para* e *em* com verbos do tipo *ir* e *chegar* advém de propriedades lexicais dos núcleos predicadores V+P na estrutura temática.

5. Considerações Finais

Neste artigo eu argumentei que as preposições *a*, *para* e *em* em contextos estruturais construídos com verbos do tipo *ir* e *chegar* constituem um ambiente sintático variável quando se olha tanto para os dados do PB, como comparativamente se confronta com os dados do PE. Ao olhar, então, para esses dados comecei a me questionar sobre o estatuto categorial das preposições que participam dessas construções, haja vista que a categoria preposição é tratada, na maioria dos casos ou como item lexical ou como item funcional.

Então aventei a hipótese de que as preposições aqui caracterizadas são, na verdade, elementos “half-way”, já que são regentes de um DP numa projeção mais baixa do que V', no entanto, o PP é L-marcado por V', conforme ficou explicitado na seção 3. deste trabalho. Para tentar justificar essa assunção, lancei mão de alguns testes que foram ampliados, a fim de tentar checar o traço + ou - lexical dessas preposições, o que mostrou na verdade que, por serem essas preposições “half-way”, os resultados não foram no geral uniformes, ora exibindo um comportamento de item lexical, ora de item funcional, ora misto, o que de qualquer modo fortalece a hipótese assumida na Introdução aqui repetida:

Existe uma gradação quanto ao traço + ou – lexical da categoria preposição. Ou seja, quanto mais dependente do verbo, + funcional é a preposição (cf. Farias (em prep.)).

Isso então desembocou na predição de que o traço categorial “half-way” dessas preposições não é legitimado configuracionalmente, mas tem a ver com propriedades lexicais advindas dos núcleos temáticos V+P nos diferentes contextos dados. Para corroborar esse dito, mostrei que a diferença entre essas preposições e as outras que são elementos meramente funcionais ou lexicalmente plenos, é, dentre outras, a questão da subespecificação da função semântica atribuída ao DP pelo complexo V+P, ao contrário do que acontece com as que realizam Caso, onde o papel temático é atribuído pelo verbo, e daquelas que são cabeça de um adjunto, as quais sozinhas são responsáveis pela atribuição de Caso do papel temático. A evidência que apresentei foi que a variação que ocorre no âmbito das preposições “half-way” implica considerar uma subespecificação do elemento locativo, o que tem a ver, inclusive, com os traços de V+P, o que não ocorre com as outras, pois as que apenas realizam Caso não alteram o papel temático do DP, mas as que encabeçam um adjunto, se forem trocadas entre si provocarão mudança do papel temático atribuído ao DP complemento.

A partir dessas assunções, parece ter ficado claro que o que condiciona a variação entre *a*, *para* e *em*, tanto na gramática do PB, quanto entre o PB e o PE são o traço categorial das preposições que participam dessas construções, bem como as propriedades predicativas distintas em PB e PE em contextos estruturais construídos com verbos do tipo *ir* e *chegar*.

Referências

- CHOMSKY, N. Lectures On Government and Binding. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. *O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso*. (trad. Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves). Lisboa: Caminho, 1994.
- CHOMSKY, N. & LASNIK, H. *A teoria de princípios e parâmetros*. In: JACOBS et alii (eds). *Syntax*. Berlin-New York: Walter de Gruyter, 1993.
- D’ALESSANDRO, R. *Syntax-Semantics-Pragmatics of Impersonal Si in Italian*. In: Fórum Lingüístico da Nova; 2004. *handout*, Lisboa, 2004, p.1-16.
- DEMONTE, V. C-comand, Prepositions and Predication. *Linguistic Inquiry*. Vol. 18 (1), 1985, p.147-157.
- FARIAS, J.G. O Estatuto Sintático de Preposições no Português Brasileiro. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Alagoas, 2003.

- FARIAS, J.G. *Varição entre a, para e em no português brasileiro (PB) e no português europeu (PE): locus de microvariação sintática*. In: Fórum Lingüístico da Nova, 2004. *handout*, Lisboa, 2004, p. 1-14.
- FARIAS, J.G. Aspectos da Sintaxe de Preposições no Português. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Alagoas (em preparação).
- FIÉIS, M.A. Ordem de Palavras, Transitividade e Inacusatividade – Reflexão Teórica e Análise do Português do Século XII a XVI. Dissertação de Doutorado. Universidade Nova de Lisboa, 2003.
- GOMES, C. Efeito Funcional no Uso Variável de Preposição. *Revista de Estudos Lingüísticos* v.7 (2), 1998. p.61-70.
- GRIMSHAW, J. *Argument Structure*. Cambridge/Massachussets, MIT Press, 1990.
- JACKENDOFF, R. “Toward an Explanatory Semantic Representation”. *Linguistic Inquiry* vol.7 (1), 1976, p. 89-150.
- _____. “The Status of Thematics Relations”. *Linguistic Inquiry* vol. 18 (3), 1987, p. 364-411.
- MATEUS, M.H.M. et alii. *Gramática da Língua Portuguesa*. Caminho: Lisboa, 2003.
- MOLLICA, M.C. A Regência Variável do Verbo Ir de Movimento. In: SILVA, G. M. O. & SCHERRE, M. M. P (Orgs). *Padrões sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, UFRJ, 1996. p. 85-119
- PONTES, E.S.L. *Espaço e tempo na língua portuguesa*. Campinas, SP: Pontes, 1992.
- PINTO, I.M.A.S. Sintaxe das Preposições *a* e *de*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, 1997.
- RAMOS, J. O Emprego de Preposições no Português do Brasil. In: Tarallo, Fernando (org). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas, SP: Pontes, UNICAMP, 1989.
- RAPOSO, E.P. A Construção “União de Orações” na Gramática do Português. Dissertação de Doutorado, Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa, 1981.
- _____. *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.
- REINHART, T. *The Theta System: Syntactic Realization of Verbal Concepts*. Utrecht: OTS Working Paper, 2000.
- SCHER, A.P. As Construções com Dois Complementos no Inglês e no Português do Brasil: Um estudo sintático comparativo. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 1996.
- STARKE, M. Notes on Prepositions and Clause-Structure. *Mini-Memoire*, 1993.
- OLIVEIRA, M. *Adjuntos e Complementos Verbais Introduzidos pela Preposição ‘A’*. USP, 2003. Ms.
- XAVIER, M.F. Argumentos Preposicionados em Construções Verbais. Um Estudo Contrastivo das Preposições *a*, *de* e *to*, *from*. Dissertação de Doutorado. Universidade Nova de Lisboa, 1989.